



**ariús**

Revista de Ciências Humanas e Artes

ISSN 0103-9253

v. 16, n. 1/2, jan./dez. 2010

# O Uso do Método Qualitativo na Análise da Influência dos Movimentos Sociais Urbanos na Produção do Espaço

---

XISTO SERAFIM DE SANTANA DE SOUZA JÚNIOR

Universidade Federal de Campina Grande

## RESUMO

Os arranjos socioespaciais que constituem a realidade urbana das cidades brasileiras vêm sendo influenciado, especialmente nas últimas três décadas, por uma participação constante de segmentos da sociedade civil organizada, entre os quais se destacam os movimentos sociais urbanos (MSUs) pela importância que vem assumindo ao atuarem diretamente no espaço a partir da produção do território, (conquista da moradia). O texto ora apresentado busca, assim, analisar a influência desses atores na produção social do espaço urbano, a qual se expressa na luta pelo direito à cidade. Para isso, selecionamos como recorte territorial a cidade de João Pessoa (PB) pelo fato dos MSUs presentes na cidade ainda estarem em processo de consolidação, ao contrário da realidade encontrada em outras metrópoles brasileiras. A pesquisa está estruturada a partir da análise dos discursos dos atores sociais estudados (MNLM, MLB, CMP e NDV) a cerca de temas como a produção do espaço e o futuro da cidade, sendo os resultados relacionados à análise da influência desses atores no processo organização do espaço.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais Urbanos. Produção do espaço. Método Qualitativo.

## The Use of the Qualitative Method in the Analysis of the Influence of the Urban Social Movements in Production of Space

## ABSTRACT

The socio-spatial arrangements that constitute the urban reality of Brazilian cities have been influenced by a constant participation of sectors of the organized civil society, especially in the last three decades. Amongst them, the urban social movements (USMs) can be highlighted because of the importance they have assumed by acting directly in space through the production of territory (housing conquest). Therefore, the text presented here aims at analyzing the influence of these agents in the social production of the urban space that is revealed by the struggle for the right to the city. To achieve this aim, the city of João Pessoa (PB) was selected as the territorial basis of the analysis because, there, the USMs are still in process of consolidation, differently from other metropolitan realities in Brazil. This research is framed through the discourse analysis of the social agents studied (MNLM, MLB, CMP, NDV) regarding themes such as production of space and the future of the cities. The results of the analysis are related to the influence of these agents in the space production process.

**Key words:** Urban Social Movements. Production of the space. Qualitative method.

---

**Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior**  
Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista. Professor da Universidade Federal de Campina Grande.  
Email: xtojunio@yahoo.com.br.

## 1 INTRODUÇÃO

A definição de um método analítico que consiga abarcar as complexidades do atual arranjo socioespacial dos ambientes urbanos tem se constituído como um dos principais desafios dos pesquisadores sociais. Isso se deve, em parte, a própria posição destinada ao debate do método uma vez que este ou é contextualizado para se enquadrar a cada fundamento teórico existente ou é constituído a partir de uma determinada problematização.

No que concerne ao seu enquadramento a um determinado contexto (teórico ou epistemológico) a definição do método está, freqüentemente, condicionada a dois fatores: a) entraves decorrentes de imprecisões do embasamento teórico inerentes a cada ciência; e b) divergências conceituais existentes entre às ciências com objetos comuns de investigação, especialmente no que diz respeito aos fenômenos e/ou seus elementos correlacionais. No primeiro caso, ao se reportarem aos fundamentos que sustentam a sistematização do saber, os pesquisadores demandam um tempo considerável preocupando-se em formalizar e consolidar conceitos capazes de sustentar o caráter científico do saber em questão. Já no segundo caso, por conta da própria pressão em fornecer respostas urgentes aos fenômenos que se descortinam e se sobrepõem no espaço, os pesquisadores demandam um tempo significativo observando os fatos. Com isso, deixam de fornecer a devida atenção às relações que sustentam a existência do mesmo, as quais são inerentes ao método de abordagem escolhido.

O outro viés de abordagem do método está relacionado à dependência da problematização posta em evidência. Nesse contexto, as dificuldades em definir os recortes que contemplem a essência dos fenômenos abarcados têm levado a sérios equívocos interpretativos, a exemplo da análise de um determinado fato social com uso de técnicas contraditórias ao método adotado, situação que resulta em inconsistências teóricas na explicação do fenômeno.

A partir desse quadro de referências, a análise ora apresentada tem como tese fundamental o argumento de que, independente de análises parcelares ou interativas acerca dos fenômenos socioespaciais, o desafio das ciências sociais está relacionado a questão do método. Assim sendo, procuramos tecer algumas considerações acerca da viabilidade do uso do Método Qualitativo nos

estudos da sociedade segundo a perspectiva da geografia. Para isso, adotou-se a cidade de João Pessoa, enquanto recorte espacial; e os Movimentos Sociais Urbanos como objeto de análise através da produção e apropriação espacial.

Dessa forma, o presente artigo tem como principal objetivo analisar a influência dos movimentos sociais urbanos no processo de produção do espaço urbano. Tal desafio é de ordem tanto teórica, definição dos argumentos que justifiquem a importância do estudo geográfico na análise da atuação desses atores sociais; como metodológica uma vez que o problema na análise da atuação dos mesmos se encontra relacionada a capacidade de definir os recortes e os olhares na investigação da atuação dos MSUs sobre o espaço urbano.

Assim sendo, além da introdução e das considerações finais, o presente texto encontra-se dividido em três partes: a) Aplicação do método qualitativo no estudo dos movimentos sociais urbanos e; b) Movimentos Sociais Urbanos e suas expressões geográficas. A opção por esta divisão está pautada no interesse em apresentar ao leitor alguns procedimentos para fundamentar pesquisas utilizando o método qualitativo.

## 2 O MÉTODO QUALITATIVO: CARACTERÍSTICAS E POTENCIALIDADES

No meio acadêmico, a observação da complexidade das relações socioespaciais, suas singularidades e contradições, têm estimulado os pesquisadores sociais a optarem pela adoção de novas perspectivas de visualização de como esses arranjos são expressos no espaço. Uma dessas opções está relacionada à adoção do Método Qualitativo (MQ), enquanto categoria analítica de observação dos fenômenos socioespaciais. Entre as diversas produções existentes, especialmente no campo da Sociologia, lingüística, Psicologia e, ainda em pequenas proporções, da Geografia, os argumentos estruturados por Bauer e Gaskell (2002), Minayo (2005) e Lefevre e Lefevre (2003) vem sendo comumente utilizados nas pesquisas sociais que vêm utilizando o Método Qualitativo enquanto recorte analítico-interpretativo dos fenômenos socioespaciais.

Isso se deve ao fato de que esta abordagem corresponderia a uma “compreensão interpretativa da ação social” (MINAYO, 2005, p. 81). Desta forma, como

o desafio de análise da atual conjuntura socioespacial está associado, justamente, as práticas e valores dos atores sociais, expressas no espaço, o uso do método qualitativo possibilita uma compreensão mais substancial das características e limites de cada ator social envolvido com a estruturação do espaço urbano uma vez que possibilita, ao pesquisador, observar o fenômeno a partir da perspectiva do ator envolvido no mesmo.

O principal interesse dos pesquisadores qualitativos é na tipificação da variedade de representações das pessoas no seu mundo vivencial. As maneiras como as pessoas se relacionam com os objetos no seu mundo vivencial, sua relação sujeito-objeto, é observada através de conceitos tais como opiniões, atitudes, sentimentos, explicações, estereótipos, crenças, identidades, ideologias, discurso, cosmovisões, hábitos e práticas. Esta é a segunda dimensão, ou dimensão vertical de nosso esquema (...). As representações são relações sujeito-objeto particulares, ligadas a um meio social. O pesquisador qualitativo quer entender diferentes ambientes sociais no espaço social, tipificando estratos sociais e funções, ou combinações deles, juntamente com representações específicas" (BAUER; GASKELL, 2002, p. 57).

Nesse contexto, o Método Qualitativo possibilita, ao pesquisador, identificar as motivações que levam os atores sociais ao exercício de suas práticas socioespaciais sendo o mais importante a fundamentação de elementos que sustentem a produção de um discurso capaz de representar o posicionamento de todo o segmento social. A história desse segmento associada à própria contextualização dos arranjos que envolvem a prática dos mesmos na atualidade, conferem o caráter científico desse método uma invés que induz a necessidade delinear os procedimentos necessários à investigação de tal forma que possibilite a própria compreensão das "interpretações dos atores sociais possuem do mundo" (BAUER; GASKELL, 2002).

Existem, pelo menos cinco formas de se subsidiar uma Pesquisa Qualitativa: a) ordenação dos fenômenos pelo desenho do tipo-ideal; b) análise da vida cotidiana ou abordagem fenomenológica; c) observação e investigação dos fatos ou etnometodologia; d) interacionalismo simbólico; e) investigação participante; e f) hermenêutica-dialética. (MINAYO, 2005).

Para Minayo (2005) a ordenação dos fenômenos corresponde a modelos elaborados pelos próprios pesquisadores contendo todas as condições do que se pode observar na realidade. Já a análise da vida cotidiana busca fundamentar os procedimentos na própria subjetividade do sujeito (experiência vivida). Por sua vez,

a etnometodologia corresponde a análise detalhada nos fatos no próprio local aonde os mesmos se evidenciam. O interacionalismo simbólico sustenta a vida social sendo constituída pela inter-relação dos grupos nas práticas (simbólica e interacionais) dos indivíduos. No que diz respeito a investigação participante, esta busca fundamentar o estudo social tendo como parâmetro que o sujeito ou ator social pode ser estimulado a assumir uma posição política em sua atividade no espaço. Finalmente, a hermenêutica-dialética evidenciar a comunicação entre os atores sociais através da linguagem, a qual pode possuir aspectos contraditórios.

Tais abordagens, no entanto, possuem elementos comuns à exemplo do reconhecimento da complexidade das realidades humanas; o contato direto com os agentes selecionados para estudo, em fim, busca evidenciar a dinamicidade da realidade vivida pelas pessoas através dos seus respectivos grupos (MINAYO, 2005). Nesse sentido, a abordagem qualitativa constitui-se em "uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas" (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 244).

"É no campo da subjetividade e do simbolismo que se afirma a abordagem qualitativa. A compreensão das relações e atividades humanas com os significados que as animam é radicalmente diferente do agrupamento dos fenômenos sob conceito e/ou categorias genéricas dadas pelas observações e experimentações e pela descoberta de leis que ordenariam o social" (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 244).

Entre essas possibilidades de observação dos fenômenos com o uso do MQ, a pesquisa participante é, por nós, compreendida como a que mais se adapta à análise do espaço urbano a partir da influência dos Movimentos Sociais Urbanos. No âmbito da técnica de análise, a pesquisa participante "inclui pessoas leigas, representativas de situações a serem transformadas, de uma forma orgânica à produção de conhecimento sobre tais situações, sem necessariamente estar vinculada a uma ação direta" (MINAYO, 2005, p. 86).

Da mesma forma como ocorre na pesquisa quantitativa, em suas devidas proporções, a abordagem qualitativa exige a adoção de alguns critérios na definição do universo a ser analisado assim como dos procedimentos a serem adotados. O diferencial consiste no fato de que "sob o ponto de vista qualitativo, os

princípios de definição amostral se baseiam na busca de 'aprofundamento e de compreensão de um grupo'" (MINAYO, 2005, p. 94) inserido em um determinado contexto socioespacial. Já para a pesquisa quantitativa, "a interpretação tem significado muito distinto" pois "parte dos resultados objetivos apresentados nos gráficos e tabelas, e é respaldada pelas semelhanças e discrepâncias dos resultados de pesquisas similares" (DESLANDES; ASSIS, 2002, p. 207).

Nesse contexto, autores como Bauer e Gaskell (2002) propõem, para a pesquisa quantitativa, o uso de amostragem ou amostra enquanto fundamentos técnicos. Por sua vez, para a abordagem qualitativa os autores propõem a formação do corpus que diz respeito aos procedimentos que possibilitam a formulação da fala social decorrente das várias expressões deixadas por um determinado sujeito coletivo ou ser social. Dessa forma, a análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) emergem como procedimento técnico científico de identificação metodológica de uma determinada organização socioespacial.

O DSC corresponde, assim, a identificação das idéias centrais retiradas de entrevistas orais e de formas de expressão, a exemplo de poesias, cartazes e reportagens que retratem a ação sujeito social em suas práticas cotidianas, segundo as quais é possível identificar o posicionamento de um determinado grupo social acerca de um objeto. Para Lefevre e Lefevre (2003, p. 29), o uso do Discurso do Sujeito Coletivo fornece os subsídios necessários ao reconhecimento do caráter científico do método qualitativo uma vez que:

"a tarefa organizadora do pesquisador não diz respeito nem à matematização mecânica ou automática do pensamento coletivo, nem ao uso de metalinguagem; seu papel, ao contrário, é bem outro: produzir o sujeito social ou coletivo do discurso e o discurso coletivo correspondente, fazendo o social falar como se fosse um indivíduo, e isso não por um passe de mágica, nem a partir de uma instância científica supostamente transcendente, mas, como manda o rigor científico, utilizando procedimentos explícitos, transparentes e padronizados (passíveis, portanto, de crítica e contestação), construindo-se a fala do social com o material empírico proveniente de falas dos indivíduos, buscando nas idéias centrais e nas expressões-chave, coincidentes ou semelhantes de discursos efetivamente existentes, um discurso compartilhado" (LEFEVRE; LEFEVRE, 2003, p. 29).

De acordo com Gill (2002, p. 245), essa forma de investigação é constituída tendo como parâmetros algumas características provenientes do construtivismo, a saber: a) as críticas ao conhecimento dado; b)

compreensão das especificidades da compreensão histórica e cultural da nossa visão de mundo; c) influência dos processos sociais na formulação do conhecimento; e d) a relação entre a construção do conhecimento social dos fenômenos e as ações práticas. Corresponde, assim, a uma "proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal..." (LEFEVRE; LEFEVRE, 2003, p. 15).

O objetivo da análise do Discurso é, justamente, encontrar a fala social a partir do discurso proferido pelo Sujeito Coletivo (SC): um depoimento expresso por um ator social constituído "de um eu sintático que, ao mesmo tempo em que sinaliza a presença de um sujeito individual do discurso, expressa uma referência coletiva na medida em que esse eu fala pela ou em nome de uma coletividade". (LEFEVRE; LEFEVRE, 2003, p. 16). Na presente análise, esse "Sujeito Coletivo" estaria representado pelos líderes dos Movimentos Sociais Urbanos presentes em João Pessoa, cidade selecionada como objeto de investigação.

"...é um idioma 'segundo', uma segunda língua, ou, na terminologia chomskiana, uma 'competência' social que, na medida em que viabiliza e permite a troca entre indivíduos distintos de uma mesma cultura, constitui, como o idioma 'primeiro', condição imprescindível para a vida humana em sociedade. Esse idioma é obtido indutivamente, por abstração, a partir de um conjunto de falas individuais de sentido reputado semelhante ou complementar, com a finalidade precípua de expressar e representar um pensamento coletivo" (LEFEVRE; LEFEVRE, 2003, p. 16).

De acordo com Lefevre e Lefevre (2003), para se elaborar um discurso devem-se adotar alguns cuidados: a) definição do sujeito social; b) elaboração do "Corpus"; e da fala social. Para isso, o pesquisador deve utilizar o discurso em seu estado bruto; analisá-lo, retirando as idéias centrais; e construir a fala social, ou seja, "um discurso síntese, elaborado com material dos discursos individuais (ou parte deles) semelhantes ou complementares enunciado na primeira pessoa do singular" (LEFEVRE; LEFEVRE, 2003, p. 27).

Finalmente, é importante deixar evidenciado que na perspectiva da análise qualitativa, a partir da análise do DSC, os problemas podem ser considerados de forma **descritiva** (descrição das respostas), **interpretativa** (identificação das melhores e piores respostas e análise dos motivos que levam o sujeito a pensar de determinada forma) e **pragmática** que corresponderia a uma tentativa de delinear o que levaria o sujeito a pensar de outra

forma.

Delineados os parâmetros que sustentam a tese de que o Método Qualitativo já possui atributos que confere o caráter científico na pesquisa fica o desafio de se observar como o mesmo se enquadra na teoria (fundamento científico dos fenômenos) e na prática (observação empírica dos fenômenos decorrentes das relações socioespaciais no espaço). Essas análises serão desenvolvidas nos próximos itens.

### 3 APLICAÇÃO DO MÉTODO QUALITATIVO NO ESTUDO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS

Após termos realizado uma breve contextualização dos fundamentos que sustentam o uso do método qualitativo, resta-nos esboçar como seria sua aplicabilidade em uma pesquisa geográfica utilizando como exemplo resultados de uma pesquisa de doutorado que realizamos junto ao Programa de Pós graduação da UNESP a qual teve por tema à análise das práticas espaciais dos movimentos sociais urbanos.

Como seria praticamente impossível, no presente texto, descrever todos os procedimentos utilizados no desenvolvimento da tese uma vez que nos submeteríamos ao risco de uma indesejável desistência do leitor quanto à continuação da leitura desse artigo, indicamos aos interessados em realizar um maior aprofundamento da análise apresentada, o texto desenvolvido por Souza Júnior (2008). Para este texto ficaremos apenas com os fundamentos básicos da técnica utilizada.

No âmbito da aplicação do instrumental técnico e metodológico possíveis de serem trabalhados com o uso do método qualitativo, o Discurso do Sujeito Coletivo, apresenta-se como um instrumento importante. Sua aplicação consiste na retirada das expressões-chave e idéias centrais de forma a se obter a fala social (Discurso do Sujeito Coletivo) segundo os procedimentos orientados por Lefèvre e Lefèvre (2003).

Para se realizar uma análise de discurso um dos cuidados iniciais a serem adotados diz respeito a elaboração de um planejamento do trabalho de campo de forma a evitar desperdícios de tempo e dinheiro, principalmente. Após a elaboração do roteiro da entrevista, o pesquisador deve elaborar o cronograma e definir todos os passos a serem tomados. Com base no material obtido o pesquisador pode iniciar à análise do

discurso e montagem da matriz discursiva

A primeira etapa consistiu na transcrição, na íntegra, da entrevista realizada junto aos membros e representantes dos movimentos durante os anos de 2006 e 2007, a qual consistiu, nesta primeira etapa, na retirada das expressões, reações e observações possíveis de serem captadas (**Quadro 1**). Em destaque, nos quadros abaixo, encontra-se o que ficou sendo considerado como expressões-chave.

<p><b>Pesquisador</b></p> <p>Para você, para quem está sendo construída a cidade e quem tem participado da construção?</p>
<p><b>Entrevistado</b></p> <p>Rapaz é o seguinte, <u>a cidade está sendo produzida, vamos dizer assim, para a classe rica e a classe média. O pobre está ficando sempre para traz. Um tempo desse e se Deus quiser nós vamos fazer isso, nós queremos fazer duas ocupações aqui em João Pessoa numa área extrema, que é a área da praia. Para você ter uma idéia, esse prefeito entregou a Associação dos desembargadores daqui um terreno imenso. (...) veja que a cidade está sendo construída para os ricos e para a classe média e quem produz mais são os grandes empreiteiros. Hoje, por exemplo, para você ter uma idéia, a questão do crédito solidário a gente vai construir as 300 unidades e a gente fez uma opção para os pequenos empreiteiros. Então a gente abriu uma licitação e parece que seis empresas concorreram a essa licitação, então a gente conversando com o prefeito, ele disse não, olhe, eu gostaria que vocês não contratassem essas pequenas empreiteiras, vocês contratassem uma empresa maior por conta da segurança e nós vamos apostar nessas pequenas empreiteiras. (...)</u> Chega de buscar pessoas de outros Estados <u>que vem para Paraíba só para arrancar a riqueza da Paraíba e os pequenos não tem chance em nada porque exatamente a própria legislação pede coisa que foge do controle e aí, infelizmente, são os grandes empresários que vem hoje tomando....</u></p>

**Quadro 1:** Metodologia - 1ª. Etapa/tópico-guia: produção da cidade/expressão-chave.

**Fonte:** Souza Júnior (2008).

Do texto transcrito foram separados trechos segundo as referências do tópico-guia (roteiro da entrevista) e selecionada as expressões-chave, das quais foram extraídas as idéias centrais possíveis de serem apreendidas no discurso (**Quadro 2**).

<p>a cidade está sendo produzida, vamos dizer assim, <u>para a classe rica</u> e a classe média. O pobre está ficando sempre para trás. Um tempo desse e se <u>Deus quiser nós vamos fazer isso</u>, nós queremos fazer <u>duas ocupações aqui em João Pessoa numa área extrema, que é a área da praia</u>. Para você ter uma idéia, esse prefeito entregou a Associação dos desembargadores daqui um terreno imenso (...), <u>veja que a cidade está sendo construída para os ricos e para a classe média e quem produz mais são os grandes empreiteiros (...)</u> para você ter uma idéia, a questão do crédito solidário a gente vai construir as 300 unidades e a gente fez uma opção para os pequenos empreiteiros (...). <u>O prefeito, ele disse não, olhe, eu gostaria que vocês não contratassem essas pequenas empreiteiras, vocês contratassem uma empresa maior por conta da segurança e nós vamos apostar nessas pequenas empreiteiras (...)</u> que vem para Paraíba só para arrancar a riqueza da Paraíba e os pequenos não tem chance em nada porque exatamente <u>a própria legislação pede coisa que foge do controle</u> e aí, infelizmente, <u>são os grandes empresários que vem hoje tomando</u>.</p>	<p><b>Id1</b> A cidade é produzida para os ricos</p>	
	<p><b>Id2</b> O Movimento tem interesse em realizar ações em área de praia</p>	
	<p><b>Id3</b> Quem produz a cidade são os grandes empreiteiros com permissão do poder público, mas o movimento quer a participação dos pequenos.</p>	
ID12	ID2	ID3

**Quadro 2:** Metodologia - 2ª. Etapa/ tópico-guia: produção da cidade/ idéias centrais

**Fonte:** Souza Júnior (2008).

Com a identificação das idéias centrais o pesquisador pode iniciar a elaboração do discurso do sujeito. No entanto é necessário ser tomado um cuidado especial no sentido de evitar interpretações pessoais, preconceitos ou juízo de valor a cerca do conteúdo do texto obtido. De acordo com a análise dos procedimentos acima mencionados o discurso do sujeito coletivo poderia ser o seguinte:

*Para o Movimento Nacional de Luta por Moradia, a cidade de João Pessoa vem sendo produzida para os ricos uma vez que o poder público, executivo e legislativo, tem favorecido aos grandes empreiteiros, os quais, além de terem a preferência na construção, passam a ter as áreas de praia como o principal investimento em infra-estrutura. Assim, o MNLM busca reduzir essa disparidade através de ocupação nessas áreas e de luta para que os investimentos urbanos sejam também patrocinados por pequenas empreiteiras. A ocupação em uma área de praia serve para chamar atenção do poder público para a voz desses atores sociais.*

Com base no acesso e análise dos diferentes discursos (entrevistas, recursos visuais, projetos, etc.) pode ser criada a matriz discursiva: superposição das diversas formas de expressões (discursos) dos sujeitos estudados de tal forma a ser possível identificar suas práticas e intencionalidades.

#### 4 OS MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS E SUAS EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

Os movimentos sociais que atuam no espaço urbano das cidades brasileiras são atores recentes, pois surgem, inicialmente, em concomitância com o processo de industrialização e urbanização difundido no país em meados do século XX, enquanto resultado do agravamento da crise no campo (luta pelo direito a terra) e dos problemas urbanos provenientes da ausência de um planejamento capaz de atender a crescente demanda dos migrantes oriundos do campo ou de outras cidades que, situadas na periferia dos grandes centros urbanos, passam a se constituir como espaços estratégicos aos interesses dos grandes atores econômicos e políticos fomentadores do processo de modernização desses espaços.

As ações dos movimentos são reconhecidas por atividades práticas de ocupação e formação de territórios, influenciando diretamente no ordenamento urbano. Tais ações são expressões de uma intencionalidade com o espaço urbano no qual sobrevivem. Para Searle (2002) a intencionalidade é a “propriedade de muitos estados e eventos mentais pela qual estes são dirigidos para, ou acerca de, objetos e estados de coisas no mundo” (SEARLE, 2002, p. 1). Nesse contexto, expressões como crenças, temores, esperanças e desejos se configuram como indicativos de intencionalidades uma vez que se caracterizam como fenômenos que representam uma determinada coisa ou objeto (AUDI, 2006) sendo, portanto, o resultado da mente de forma a obter uma satisfação. Para Searle (2002, p. 18) “todo estado Intencional com uma direção de ajuste é uma representação de suas condições de satisfação”.

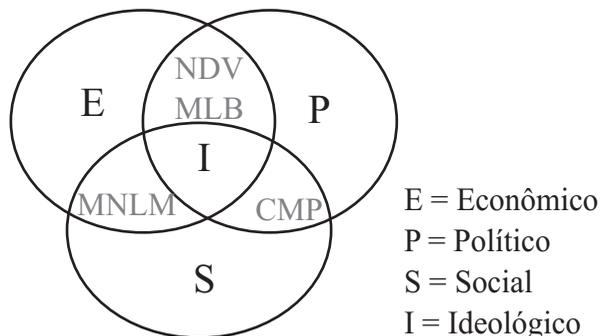
Existe, nesse contexto, uma relação intrínseca entre intencionalidade e ação uma vez que a primeira se complementa na materialização da segunda. Esta, por sua vez, só tem sentido de existência quando da presença da

primeira (antes ou durante). A crença na existência da ocupação, por exemplo, só se concretiza quando da presença do ato de ocupar. Caso contrário, limita-se a uma pretensão. Por outro lado, o ato de ocupar existe se concebido como resultante de uma intencionalidade que o alimenta como é o caso do desejo de se conquistar uma moradia, o qual pode ser anterior (fomentador) ou simultâneo (motivador).

Na cidade de João Pessoa (PB), os movimentos que expressam bem tal relação são os movimentos de luta por moradia e de luta pelo ordenamento urbano: O Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLN); A Central de Movimentos Populares (CMP); o Movimento de Luta nos Bairros e Favelas (MLB) e; o Núcleo de Defesa da Vida (NDV). Os três primeiros por estarem envolvidos com o debate sobre a produção do espaço urbano através da luta pela conquista da moradia e o último sobre a questão da mobilidade urbana.

Desses quatro, apenas o MNLN, CMP e MLB são de fato movimentos sociais, embora o segundo possua um nível de abrangência espacial limitado, o que o aproxima de um movimento popular. O NDV, apesar de ser uma ONG, desenvolve práticas de interesse territorial-urbano, fato que possibilita classificá-lo como movimento social.

O elemento ideológico, expresso pelas intencionalidades, se apresenta, como aspecto comum a ação desses movimentos, estando este na interseção entre esses fatores que comandam as ações dos movimentos (motivações políticas, econômicas e sociais). Em síntese, a relação entre intencionalidades e motivação prática dos MSUs de João Pessoa estaria expressa da seguinte forma (**Esquema 1**):



**Esquema 1:** Expressões dos Movimentos Sociais Urbanos

**Fonte:** Souza Júnior (2008).

Quanto à atuação, os quatro movimentos possuem posições convergentes ao fazerem a opção pela assistência à população mais pobre, residentes principalmente na periferia da cidade, sendo a questão da moradia, seguida da mobilidade urbana, apontada como um grave problema urbano. De um modo geral, todos se preocupam em participar dos eventos sobre a questão urbana, sejam eles organizados pelo Estado ou por outros segmentos da sociedade civil organizada. Apesar disso, nenhum dos coordenadores (ou líderes no caso do NDV) utiliza a articulação entre os movimentos como um espaço próprio para o debate.

Outro aspecto importante diz respeito à questão do reconhecimento da ação desempenhada pelos movimentos. Para os coordenadores do MNLN, através da mídia que divulga as ações de ocupação, apropriação e mobilização, a sociedade percebe o esforço do movimento na luta pela melhoria das condições de vida das pessoas e da formação de uma cidade melhor, embora reconheça que, em muitos casos, as informações são comprometidas por influência política de outros segmentos sociais.

O NDV, por sua vez, entende que existe reconhecimento, o qual, no caso do movimento, é ainda maior porque este vem se utilizando do poder da mídia para divulgar as ações e intencionalidades. Já para o MLB e CMP tal reconhecimento é inexistente. O MLB atesta que isso se deve a discriminação e difamação dos movimentos através da mídia que os associa a baderneiros, desocupados, invasores, etc. Para o CMP existe um desconhecimento populacional sobre a função dos movimentos popular e social decorrente da ausência de uma cultura de orientação política por parte da sociedade.

De um modo geral os movimentos concordam quanto à definição do que seria um movimento social urbano: movimentos que influenciam diretamente no futuro da cidade ao participarem do processo de sua produção e reprodução. Isto converge com as práticas dos movimentos estudados. Dos quatro que classificamos como MSU, três (MNLN, CMP, MLB) exercem uma expressão geográfica ao participarem diretamente da produção do território (escala da moradia), influenciando, por consequência, na dinâmica urbana; e um (NDV) se preocupa com a produção de territorialidades ao lutar pelo direito de acesso ao transporte público coletivo.

Em síntese, com base na matriz discursiva montada na superposição dos discursos dos coordenadores dos

movimentos urbanos de João Pessoa (SOUZA JÚNIOR, 2008), poderíamos evidenciar as seguintes intencionalidades dos movimentos no que concerne a produção do espaço (**Quadro 3**):

	MNLM	CMP	NDV	MLB
<b>Futuro da cidade</b>	Ação prática através de políticos públicas	Fator ideológico (participação popular)	Políticas públicas mais eficientes	Fator ideológico
<b>Ordenamento Urbano (motivos)</b>	Econômico-social	Social e Político	Político e econômico	
<b>Demandas</b>	moradia	Emprego, moradia, segurança e saneamento	Transporte e segurança	emprego
<b>Papel da mídia</b>	Existe reconhecimento	Problema de ordem cultural	Existe reconhecimento	Existe má intencionalidade
<b>Conceito de MSUs</b>	São os movimentos que influenciam diretamente no futuro da cidade através de suas práticas (apropriação do território e acompanhamento do processo de urbanização).			

**Quadro 3:** Matriz discursiva - atuação territorial dos MSUs de João Pessoa

**Fonte:** Souza Júnior (2008)<sup>1</sup>.

Os movimentos sociais considerados como urbanos são, portanto, àqueles que atuam produzindo territórios ou influenciando no reordenamento urbano, conforme evidenciado na análise das ações dos movimentos urbanos de João Pessoa, os quais têm em comum o interesse na luta por infra-estrutura e obtenção de equipamentos urbanos, com ênfase na conquista de moradia (MNLM, CMP, MLB) e mobilidade urbana, bandeira esta que é defendida principalmente pelo Núcleo de Defesa da Vida (NDV).

A matriz discursiva nos propõem uma classificação dos movimentos (intencionalidade e prática) baseada em sete princípios: o da crítica, ocupação, mobilização, bandeira de luta, articulação, território e estratégia. Tais princípios foram sintetizado por Souza Júnior (2008) como o princípio do COMBATE.

Ao assumir como princípio a valorização de um posicionamento baseado na capacidade **crítica** o movimento garante a reprodução de uma imagem de autonomia frente ao poder público e demais atores sociais, independente do contexto político da realidade socioespacial vivenciada. Com tal posicionamento, o movimento reduz o risco de cooptação. Isso não significa que o mesmo deva sempre exercer um papel de opositor das ações do poder público, mas que desenvolva a habilidade de desempenhar uma função de interlocutor entre a sociedade e o governo municipal. Supervalorizar a postura ideológica escondida em posturas políticas

pode interferir no desempenho da função social que motivou sua formação.

O segundo princípio que deve orientar a ação dos movimentos é o do direcionamento dos objetivos para realização de **ocupações** uma vez que este constituir como elemento que identifica o caráter de urbano (ação social na produção da cidade) do movimento. O ato de ocupar concebe ao movimento a oportunidade de materializar sua intencionalidade, a qual está expressa na conquista da moradia e se constitui na forma pela qual os movimentos deixam suas marcas no espaço urbano, influenciando no seu redimensionamento e nas próprias decisões sobre o contexto político das decisões sobre formação.

Já o terceiro (**mobilização**) se constitui como um dos principais desafios para os movimentos, pois está diretamente relacionado à capacidade de atuação. Como os movimentos para serem concebidos como urbanos necessitam exercer uma expressão geográfica (através da ocupação ou interferido no ordenamento urbano), a mobilização se apresenta como uma opção para se conseguir uma maior eficiência na obtenção dos seus respectivos objetivos.

A **bandeira de luta** se constitui como a espinha dorsal de um movimento social uma vez que é através dela que eles expressam os seus valores ideológicos, políticos, sociais etc. No caso dos MSUs a bandeira de luta se

<sup>1</sup> Para elaboração da matriz foi realizada a superposição da entrevista, documentos elaborados, reportagens e arquivos áudio-visuais adquiridos durante a pesquisa de campo, entre 2006 e 2008.

materializa, de fato, na busca pela reforma urbana sendo a moradia digna um eixo de luta, conforme evidenciado pelos coordenadores do MNLM. Esse princípio se torna efetivo se seguido do princípio da **articulação** que permite aos movimentos a mobilidade necessária para se conseguir obter respostas as demandas pleiteadas.

O **território** aparece como um dos princípios-chave na identificação da função espacial do movimento uma vez que integra os demais princípios identificados a partir do momento em que representa a capacidade de influência no ordenamento espacial. O movimento que está fundamentado nesse princípio é o que maior expressa elementos que sustentam sua identidade de movimento social urbano uma vez que desenvolve preocupações quanto à produção e apropriação da cidade.

O sétimo e último princípio é o da **estratégia**, o qual está diretamente relacionado à capacidade do movimento planejar suas ações de forma a evitar desperdícios, especialmente no que se refere à imagem social. Assim, agir com estratégia evita o risco de se adotar ações precipitadas e equivocadas, obtendo, portanto, uma maior eficiência nas ações realizadas.

A busca pela evidência de cada princípio deste no contexto da atuação dos movimentos sociais urbanos pode ser considerada como o principal desafio aos geógrafos urbanos que se dediquem à análise das interferências desses movimentos na produção do espaço. Para isso, a análise do discurso se constitui como uma ferramenta importante, pois possibilita, ao pesquisador, acesso as reais intencionalidades dos movimentos no contexto do ordenamento urbano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os movimentos estudados em João Pessoa, apenas o MNLM tem na prática do **COMBATE** a constituição de sua identidade enquanto participante do processo de produção do espaço urbano. O CMP aparece em segundo lugar devido à dificuldade de se mobilizar e de agir de forma articulada em conseqüência dos próprios valores ideológicos que discordam dos adotados pela atuação do movimento em outras escalas. Já o NDV e o MLB são os que possuem maiores dificuldades de se consolidar (ser reconhecido pela sociedade e pelo poder público).

Para finalizar esta análise ratificamos como dois

outros grandes desafios para os desenvolvimentos urbanos a precarização atual no mundo do trabalho e a sua afirmação como agente propositivo no debate sobre o ordenamento urbano. Com relação à primeira questão, por não poderem contar com recursos disponíveis que possibilitem o auto-sustento, os membros dos movimentos acabam tendo que dividir a participação no movimento com atividades necessárias à sua sobrevivência o que dificulta o engajamento completo aos valores sociais adotados pelo movimento. Por outro lado, ao assumir uma postura de agente propositor (apresentando alternativas e não apenas problemas) os membros dos movimentos têm conseguido dar uma maior qualidade às ações desenvolvidas. Como conseqüência, os movimentos sociais urbanos vêm cada vez mais se firmando como sujeito social importante ao desenvolvimento urbano.

## REFERÊNCIAS

- AUDI, R. (Org.). *Dicionário de filosofia de Cambridge*. São Paulo: Paulus, 2006. 1019 p.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Afiliada, 2005. 424 p.
- DESLANDES, S. F.; ASSIS, S. G. Abordagens quantitativa e qualitativa em saúde: o diálogo das diferenças. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. (Orgs.). *Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 195-226. 380 p.
- GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 244-270.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003. 256 p.

- MINAYO, M. C. de S.; (Org.). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998. 270 p.
- MINAYO, M. C. de; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.
- PARRA FILHO, D.; SANTOS, J. A. *Metodologia científica*. São Paulo: Futura, 1998.
- SEARLE, J. R. *Intencionalidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 391 p.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 335p.
- SOUZA JÚNIOR. X. S. de S. *A participação dos movimentos sociais urbanos na produção do espaço de João Pessoa-PB*. 2008. 341f. Tese (Doutorado em Geografia)- Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.
- SPOSITO, E. S. *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: UNESP, 2004. 217 p.
- VICTORA, C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. de N. *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. 136 p.

---

Recebido em Maio de 2010

Aprovado em julho de 2010

---